

Índio pareci agradece apoio

Vários índios têm se apresentado publicamente para defender suas posições frente à política governamental. Depois de Mário Juruna e Mário Xangrê, cacique cain-gangue, da aldeia de Nonoai (RS), que ficou famoso por ocasião da guerra que moveu aos posseiros, um pareci, Daniel Matenho Onizokab, impressiona as platéias dos brancos com sua clareza.

— Agradeço a presença de todos vocês aqui. Sua presença nos dá força e coragem para prosseguir nossa luta indígena, para que possamos ter nossas terras garantidas e para que não aconteça esta emancipação do índio pelo Governo.

E' possível que este meu jeito de falar seja estranho a vocês. Isto demonstra que o índio de hoje tem outra dimensão. Não é mais aquele selvagem que a televisão e o cinema mostram ajudando a deterioração da falsa imagem, formando um estereótipo que a sociedade branca ainda tem de nós.

Que vossas consciências se tornem consciências de outras pessoas para que possam nos dar firme apoio na nossa luta pela verdadeira emancipação, que não será feita pelo Governo, pelo Ministro, ou seja lá por quem for. Esta emancipação será feita por nós mesmos, através de nossa luta de consciência. Assim como as massas oprimidas estão formando suas consciências, nós, os índios, também estamos, para poder lutar por nossos direitos.

Meu ponto-de-vista, representando a consciência indígena, é que esta emancipação nada mais é que uma arma perigosíssima e mortífera que nos tirará até o direito de reclamar por nossos direitos. Talvez não possamos fazer nossas assembleias indígenas que tão ricamente nos têm ajudado. Eu prevejo que no futuro, caso esta emancipação seja aprovada pelo Presidente, nós, os índios mais conscientes, seremos também tachados na banca daqueles que são chamados de subversivos".

Daniel vive em uma reserva Pareci, ao Norte do Mato Grosso.

Antropólogos, cientistas, missionários e outros pesquisadores têm apresentado denúncias graves contra ação dos brancos contra co-

munidades inteiras de índios. Abrindo estradas, poluindo o meio-ambiente, transmitindo doenças, o homem civilizado tem causado grandes problemas aos índios.

A fotógrafa Cláudia Andujar fala sobre o acidentado contato do branco com os yanomamis, cerca de 12 mil índios espalhados pela fronteira do Brasil com a Venezuela: "Vi com meus próprios olhos, em 1977, que uma simples estrada, a Perimetal Norte, dizimou uma grande parte dos yanomamis que habitam o alto rio Catrimani. A estrada, que desde o seu início corta território Yanomani, teve sua construção iniciada em 1974, passando muito próximo a duas comunidades dos índios. Uma delas mudou-se logo para sua margem. Os índios abandonaram suas roças, preferindo o contato com o trator e com o pé de obra. A produção de alimentos caiu muito neste ano. As roupas usadas provocaram doenças. Nos primeiros tempos ocorreram 11 epidemias de gripe e uma de sarampo. Uma epidemia de sarampo em 1977 causou 68 mortes em uma população de 120 índios".

A antropóloga Lux Vidal relata experiências com duas nações: "Uma grande parte da Reserva de Paracaná no Pará, cujos índios contam com apenas 7 anos de contato, será inundada devido à construção de uma hidrelétrica. Sem pôr em dúvida o interesse desta grandiosa obra, houve investimentos, planejamento, estudos de hidrografia, ecologia, mas não houve a mínima preocupação com a situação da comunidade indígena, a quem parte das terras pertence.

O grupo gavião, do Pará, perdeu suas terras há mais de 14 anos, chegando à beira da extinção. Foram colocados em uma área rica em castanhas e foram explorados por 12 anos pela própria Funai, como mão-de-obra barata, na extração de castanhas do Pará. Antes de conseguirem se acostumar com o novo ambiente e sem ainda conseguir uma base econômica sólida, chega a notícia de que suas terras serão cortadas por uma linha de transmissão. Será desmatado um

corredor de 20 quilômetros por 150 metros de largura, com estradas de acesso e uma vila de sustentação com mais de 2 mil pessoas a 500 metros da comunidade. Será que além disso não serão lançados inseticidas e pesticidas no corredor, impedindo o crescimento de qualquer tipo de vegetação, como já aconteceu de outras vezes? Esta linha de transmissão sairia tão mais cara se fosse projetada mais ao Sul, ao longo da Transamazônica? Os gaviões são, bem como os terena, colocados na lista dos emancipáveis".

O ex-presidente do Conselho Indigenista Missionário, Antonio Lasi Filho, lembra os problemas dos nambiquaras, cerca de 600 índios espalhados em duas dezenas de aldeias no Noroeste do Mato Grosso:

O extermínio dos nambiquaras vem de longa data, quando eram dizimados às dezenas por rajadas de metralhadoras, segundo denúncias feitas pelo ex-funcionário da Funai Ramis Bucalir, em 1968. Mas por incrível que pareça foi a partir do aparecimento da Funai e sobretudo na gestão do General Bandedeira de Mello que esse extermínio se tornou oficial, mediante o fornecimento de certidões negativas autorizando a implantação de projetos agropecuários na terra dos índios. No ano passado, visitados por jornalistas e deputados da CPI do índio, os nambiquaras se queixavam de nem sequer terem água para beber, pois estavam poluídas por estrume de boi.

Isto acontece a poucos metros da sede da Agropecuária Vale do Guaporé, que tem uma bem equipada enfermaria, a 500 metros da aldeia indígena; entretanto; o administrador da fazenda, Sr Max Mosman, suíço, a partir de fins de 1975 proibiu que a enfermaria atendesse aos índios. Em começo de 1976, já haviam morrido duas índias de gripe, uma delas, mãe de três crianças. Esta fazenda é conhecida também como Fazenda do Zilo, e já teve, de uma só vez, 4 mil trabalhadores. Segundo o depoimento do professor Pedro Agostinho na CPI do Índio, as seis índias da aldeia, dentro da fazenda, eram prostitutas de 4 mil trabalhadores".